

---

# PESQUISAS COM OS COTIDIANOS EM HIPERMOBILIDADE: PRATICANTES, CIDADES, ROTAS E ESPAÇOS EM DIÁLOGO

Vivian Martins

## RESUMO

O presente estudo apresenta uma atualização das pesquisas com os cotidianos a partir da perspectiva da hipermobilidade, tema da tese defendida em programa de pós-graduação em Educação. A questão principal é: como produzir ou adquirir conhecimento científico em hipermobilidade? O método escolhido foi a pesquisa-formação na cibercultura. A inclusão das tecnologias móveis na condução da pesquisa propõe questões sobre a própria atividade investigativa, com diferentes opções na pesquisa. Após o campo e a conversa com os dados, três noções subsunçoras foram encontradas como achados da pesquisa e que buscam responder a questão de estudos: 1) o desenvolvimento de conscientização cidadã a respeito do espaço; 2) invenções de micronarrativas urbanas em hipermobilidade; e 3) na produção de conhecimento em diálogo com as tecnologias móveis. Dessa forma, é possível delinear movimentos que pesquisadores interessados em pesquisas em hipermobilidade podem desenvolver.

Palavras-chave: Pesquisas com os cotidianos. Cibercultura. Hipermobilidade. Educação na cidade.

## REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

Sheller e Urry (2006, p. 212) questionam: “E como nossos próprios modos de 'saber' estão sendo transformados pelos processos 'móveis' que queremos estudar?<sup>1</sup>” Essa pergunta delinea as reflexões seguintes. Ao idealizar os cotidianos em hipermobilidade converso com um dos movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos: *ir sempre além do já sabido*. Nesse sentido, pretendo seguir as orientações das autoras e “ir além das ‘prácticasteorias’ dos autores com os quais trabalhamos” (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019, p. 25), pensando o cotidiano dentro do meu constructo de pesquisa, mergulhando com todos os sentidos na hipermobilidade para pensar em outras lógicas possíveis. Diante desses tensionamentos, emerge a questão principal: como produzir ou adquirir conhecimento científico em hipermobilidade?

## PESQUISA-FORMAÇÃO NA CIBERCULTURA

A pesquisa-formação na cibercultura (SANTOS, 2019) é desenvolvida a partir de uma bricolagem epistemológica entre as teorias multirreferenciais (ARDOINO, 1998), as pesquisas com os cotidianos (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019) e a cibercultura (LÉVY, 1999). É um método que se delinea nos atravessamentos entre processos formativos e investigação científica.

---

<sup>1</sup> Tradução da autora. No original: “And how are our very modes of ‘knowing’ being transformed by the very ‘mobile’ processes that we wish to study?” (SHELLER; URRY, 2006, p. 212)

---

Para Josso (2004), a pesquisa-formação é uma metodologia que busca o desenvolvimento de uma teoria da formação (p. 213) em que pessoas se formam na utilização da abordagem autobiográfica.

Os caminhos da pesquisa foram: 1) a inquietação causada pela prática do educador que promove a necessidade de pesquisas, ou dilemas docentes; 2) criação e desenvolvimento do dispositivo de pesquisa e formação; 3) a emergência dos dados por meio de conversas presenciais e online, práticas pedagógicas e trabalhos / produções do curso; 4) conversa com os dados, com os procedimentos de análise; e 5) apresentação dos resultados da pesquisa por meio de noções subsunçoras, ou seja, uma metanálise, com a avaliação da experiência dos envolvidos. As noções subsunçoras são os três movimentos das pesquisas com os cotidianos em hipermobilidade apresentados a seguir.

### **OS MOVIMENTOS DAS PESQUISAS COM OS COTIDIANOS EM HIPERMOBILIDADE**

Optei por seguir as pesquisas com os cotidianos e utilizar o termo “movimentos” para pensar as pesquisas com os cotidianos em hipermobilidade, por ser um termo que indica fluxo e deslocamento. Então questiono: o que fazer quando estiver desenvolvendo uma pesquisa em hipermobilidade?

- Movimento 1 – desenvolvimento de conscientização cidadã a respeito do espaço

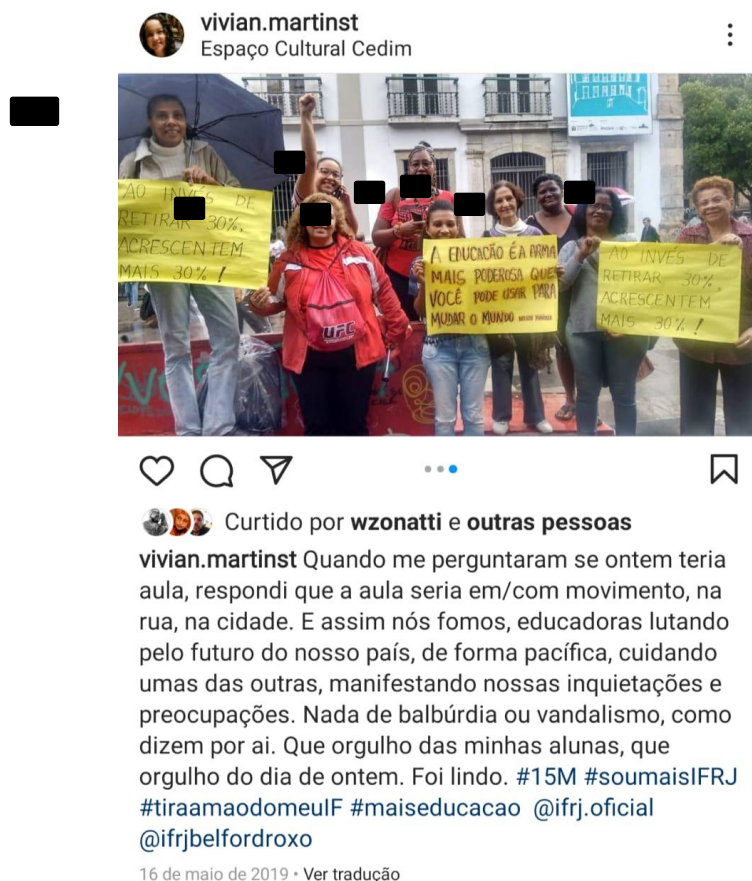
Cotidiano e espaço se unem de uma forma inevitável. “A dimensão espacial é a dimensão talvez central do cotidiano do mundo de hoje” (SANTOS, 1996, p. 11). Certeau (1994) demonstra a vontade de acompanhar procedimentos “que escapam à disciplina sem ficarem fora do campo onde se exerce, e que deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade” (CERTEAU, 1994, p. 163). O autor me conduz ao estudo sobre o cotidiano vivido/praticado na cidade.

Santos (1996) questiona “Como trabalhar a dimensão espacial do cotidiano?” (p. 11) e responde dizendo que a cidadania é a chave, pensando o espaço do cidadão que é marcado por resistências e é produtor de fenômenos políticos. Dessa forma, penso o primeiro movimento como a *conscientização cidadã a respeito do espaço*.

Sheller e Urry (2006) apontam que a “mobilidade e o controle sobre a mobilidade refletem e reforçam o poder” (p. 211). Sabemos que vivenciamos o espaço de forma desigual. Desloco o pensamento de Adams (2000) para dois pontos: primeiro, a realidade do Estado do Rio de Janeiro com a diferença discrepante de investimento nas cidades, o que gera o enaltecimento da capital do

Estado em prol das demais, gerando migrações constantes das periferias para os centros. Em uma pesquisa geolocalizada na periferia do Rio de Janeiro, na Baixada Fluminense, há a necessidade de *conscientização cidadã a respeito do espaço* para a valorização da sua comunidade e reivindicação de melhores condições para viver de forma digna.

Figura 1 – Imagem aula em movimento em manifestação na praça XV.



Fonte: arquivo pessoal da autora.

A palavra *conscientização* não está no nosso primeiro movimento sem razão. Paulo Freire (1987) alerta que o “próprio da consciência é estar com o mundo e este procedimento é permanente e irrecusável” (p. 31). Considero “estar com o mundo” também como uma forma de viver o cotidiano praticado na cidade. Pesquisar questionando os poderes, as subjetividades e as decisões políticas. Caminhamos questionando a história dos espaços, as relações de classes sociais, relações raciais e de gênero, a cultura das ruas, a presença de redes educativas, as habitações, a segurança, o desenvolvimento econômico, os transportes e tantas outras questões que circular por uma cidade suscitam.

Figura 2 – Imagens das caminhadas durante o campo de pesquisa.



Fonte: dados da pesquisa.

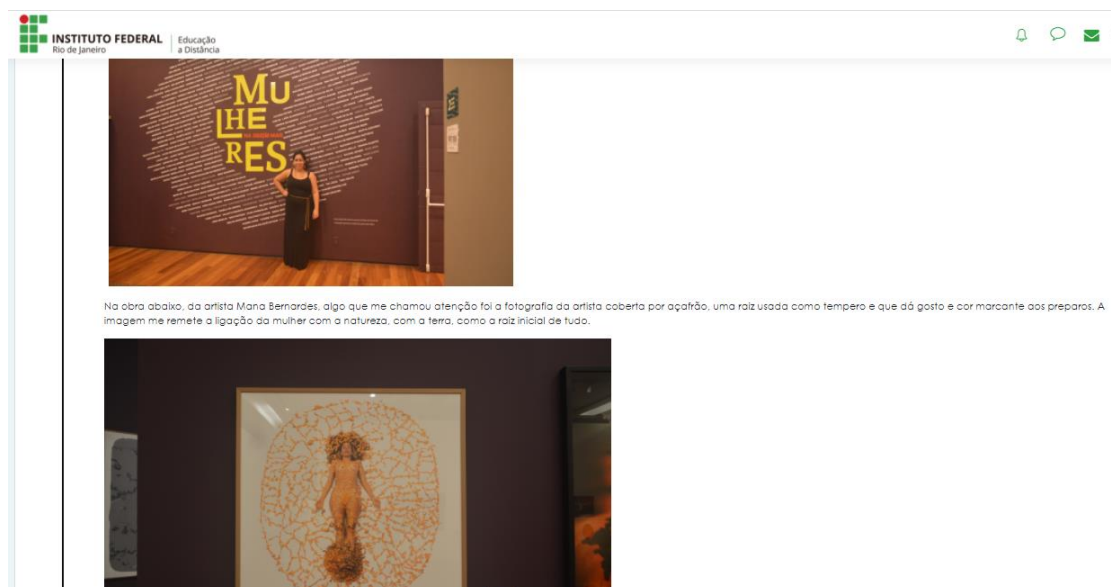
- Movimento 2 – invenções de micronarrativas urbanas em hipermobilidade

O segundo movimento versa sobre as *micronarrativas urbanas em hipermobilidade*. Penso tais micronarrativas como reuniões de experiências de vida em movimento conectado transformadas em relatos disseminadas em rede. São frações de acontecimentos e memórias que se articulam por experiências de vida que afetam os praticantes em diversos *espaçotempos*, não somente a captura de um momento e de um espaço específico.

Certeau (1994, p. 185) afirma que “parece que um movimento sempre condiciona a produção de um espaço e o associa com uma história”. Essa história nos interessa, é o que chamamos de micronarrativas. A denominação com a inclusão do prefixo micro se dá no sentido de “analisar as práticas microbianas, singulares e plurais, que um sistema urbanístico deveria administrar ou suprimir e que sobrevivem ao seu perecimento” (CERTEAU, 1994, p. 162).



Figura 3 – Imagem da micronarrativa urbana em hipermobilidade de Taís



Fonte: dados da pesquisa.

**Taís** – (...) Numa das obras, intitulada "*As Facas de Meu Pai*", da artista plástica paraense Lise Lobato, veio de encontro com muitas lembranças minhas. Como relatei durante a visita, quando fiz 15 anos, não quis fazer festa, mas ganhei do meu pai um canivete "pra me proteger, caso precisasse". Quando vi essa obra, que reúne vários modelos de facas de diversas regiões do Brasil, me lembrei na hora desse presente, que ao mesmo tempo em que foi a forma que meu pai viu para me proteger quando eu não estivesse com ele, mas problematizando um pouco essa situação, [também fala] da ideia de defesa da honra, da naturalização da violência e da opressão vivida no cotidiano pela mulher.

Certeau (1994) observa o relato como a potência de um ato criador que funda espaços, oferecendo “um campo muito rico à análise da espacialidade” (CERTEAU, 1994, p. 191). A rica narrativa de Taís agrega lembranças, vivências, problematizações sobre opressão e o cotidiano feminino e caminha em estreita relação com o espaço praticado em nossas experiências pelo museu.

Dessa forma, três ações podem ser desenvolvidas pelos pesquisadores: compreender as micronarrativas urbanas em hipermobilidade como um diário de pesquisa; oportunizar uma ambiência propícia para que os praticantes desenvolvam as micronarrativas (se sua metodologia de pesquisa envolver essa prática); e narrar as suas histórias e as histórias dos praticantes em seu documento de pesquisa.

- Movimento 3 – produção de conhecimento em diálogo com as tecnológicas móveis

O terceiro movimento foi criado com inspiração no paradigma das novas mobilidades, formado como efeito de uma "virada da mobilidade" (SHELLER; URRY, 2006) que ultrapassa

---

fronteiras, “conectando diferentes formas de transporte com padrões complexos de experiência social realizada por meio de comunicações à distância” (p. 208).

Refletimos sobre as cidades de forma contemporânea, como espaço de fluxo, vivências, discussões e investigações em mobilidades hiperconectadas. É importante que pesquisas que pretendam investigar a respeito da hipermobildade considerem as cidades como movimento, rede (local e global, como alerta Milton Santos), subjetividades e constante fluxo de informações.

Figura 41 – Imagens das praticantes utilizando os celulares para registro e leitura de QR Code com informações da exposição.



Fonte: dados da pesquisa.

Para Urry (2007) “novas formas de viagens ‘virtuais’ e ‘imaginativas’ estão surgindo e sendo combinado de maneiras inesperadas com viagens físicas” (SHELLER; URRY, 2006, p. 207). Com o avanço das tecnologias, a mobilidade apresenta diferentes formatos. Urry (2007) aponta cinco dimensões do novo paradigma das mobilidades: viagem corpórea, movimento físico de objetos, viagem imaginativa, viagem comunicativa e viagem virtual (como o exemplo das

---

exposições virtuais no Google<sup>2</sup> Arts & Culture), o aplicativo foi utilizado para disparar conversas no fórum de conversação denominado um mundo ao nosso alcance, representado pela imagem a seguir.

Figura 5 – Narrativa de Thaís sobre seu “percurso” pelo Google Arts & Culture

Tive uma experiência que considero de importante relevância para minha formação, tanto enquanto produtora cultural, como quando educadora. Como Pierre Levi (1999) cita em um de seus estudos, o uso dessa ferramenta potencializa práticas de ensino e aprendizagem.

Durante meu percurso pelo aplicativo, busquei algo que estivesse relacionado ao contexto atual em que vivemos e me deparei com a Exposição “Resistir é preciso: A história da ditadura no Brasil”, uma iniciativa do Instituto Vladimir Herzog, com curadoria de Fábio Magalhães e realizada no CCBB – RJ em abril de 2014.

A exposição é um apanhado histórico do período de 1960 a 1985 e retrata em forma de linha do tempo, os acontecimentos mais importantes da época, bem como seus personagens principais, como um dos principais opositores da ditadura militar, o político e escritor Carlos Marighella, assassinado em 1969.

Além disso, a exposição apresenta obras de diversos artistas, como as que destaco abaixo.



Fonte: dados da pesquisa.

O terceiro movimento provoca a integração tecnológica na produção de conhecimento em mobilidade, contribuindo compreender o virtual como promotor de atitudes criadoras de apropriação do espaço urbano e em acreditar que a atualização de um fenômeno virtual ocasiona produções estéticas inventivas e críticas, com valor político intrínseco, como a micronarrativa acima. Diante do exposto, apresento figura que resume os principais achados da pesquisa.

---

<sup>2</sup> A utilização dos recusos Google não foi normalizada. Conversamos com os praticantes sobre as grandes corporações de tecnologia, plataformação, o uso dos nossos dados, o desgoverno dos algoritmos, a educação vigiada e a importância dos softwares livres como o Moodle em todas as oportunidades possíveis. Infelizmente, precisei fazer escolhas optando por utilizar as interfaces que contribuiriam para o pleno desenvolvimento do dispositivo.

Figura 6 – Tópicos principais das pesquisas com os cotidianos em hipermobilidade



Fonte: elaborado pela autora.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adotar práticas epistemológicas que considerem as problemáticas urbanas e assumir que tais questões refletem a consciência do pesquisador sobre a cidade contribuem para uma pesquisa socialmente implicada, ética e responsável, atenta aos agenciamentos, aos movimentos contemporâneos e acompanhando as formas e as circunstâncias das mobilidades para as pesquisas. Também é importante que o pesquisador utilize recursos tecnológicos e compreenda a complexidade que cada narrativa pode carregar, não sendo um reflexo absoluto de um momento, mas uma reunião de vivências e invenções, pois a bagagem também constitui a viagem.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, John. **Hypermobility**. Prospect, Londres, Mars, 2000.
- ANDRADE, Nivea; CALDAS, Alessandra N.; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos - após muitas conversas acerca deles. In: OLIVEIRA, I. B.; PEIXOTO, L. F.; SÜSSEKIND, M. L. (Org.). Estudos do cotidiano, currículo e formação docente: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. 1ed. Curitiba: CVR Editora, 2019, v. 1, p. 19-45.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- LIMA, M. C.; SILVA, C. C. dos S.; TORINI, D. M. Métodos Móveis no Contexto do Paradigma das Novas Mobilidades. Internext, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 145–160, 2019.
- SANTOS, Edméa. Pesquisa-formação na cibercultura. Teresina: EDUFPI, 2019.
- SANTOS, Milton. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. Boletim Gaúcho de Geografia, nº 21, Porto Alegre, 1996, p. 7-14.
- SHELLER, Mimi, & URRY, John. The New Mobilities Paradigm. Environment and Planning A: Economy and Space, 38(2), 2006. p. 207–226.